

A MÚSICA NO MOVIMENTO NEGRO CONTEMPORÂNEO: OS DISCURSOS DA DIFERENÇA NA COLUNA AFRO-LATINO-AMÉRICA

FÁBIO BIANCHI VELCIO LEITE DE BARROS FILHO¹

RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi analisar o modo como os discursos dos intelectuais negros na coluna Afro-Latina-América do jornal *Versus* (1975-1978) utilizaram a arte, em especial a música, como elemento importante para a formação de uma nova identidade negra. O periódico fez parte de uma imprensa alternativa de esquerda que problematizava as ditaduras militares na América Latina. A partir da demanda de ativistas negros, o jornal criou uma coluna específica para promover o debate do Movimento Negro que emergia naquele momento com uma forte agenda que questionava a democracia racial e reforçava um discurso de diferença étnica.

PALAVRAS-CHAVE: Movimento Negro; Identidade Negra; Arte; Música.

ABSTRACT

The purpose of this research was to analyze how the speech of black intellectuals from Afro-Latino-America column of the newspaper *Versus* (1975-1978) used art, especially music, as an important element for the formation of a new black identity. The newspaper was part of an alternative left-wing press that problematized military dictatorships in Latin America. From the demand of black activists, the newspaper created a specific column to promote the debate of the Black Movement that was emerging at that moment with a strong agenda which questioned the racial democracy and reinforced a discourse of ethnic difference.

KEYWORDS: Black Movement; Black Identity; Art; Music.

¹ Universidade Federal do ABC. E-mail: fabio.bianchi@aluno.ufabc.edu.br.

MOVIMENTO NEGRO CONTEMPORÂNEO

Antes de discutir a importância da arte no processo de formação de uma nova identidade racial, é necessário realizar um panorama histórico do movimento negro no Brasil. Para estabelecer o que entenderemos como movimento negro neste trabalho, utilizaremos uma definição retirada de SANTOS (1994 *apud* DOMINGUES, 2007, p. 102) em que todas as entidades que sejam focadas na população negra, sendo de cunho religioso, cultural, esportivo, artístico, recreativo ou estritamente político são consideradas parte integrante do movimento negro. É de grande importância citar que o fato de a entidade ter sido fundada/promovida e acrescento também, ser dirigida por negros, é imprescindível para que a tal faça parte do movimento e, além disso, é importante que exista uma valorização da cultura negra. De acordo com esta definição, os quilombos e todas as outras formas de resistência das populações negras no Brasil podem ser consideradas como parte integrante do movimento negro, considerando a importância que essas organizações tiveram na história do negro no Brasil.

O movimento negro pode ser dividido em três fases, considerando que cada uma destas apresentou características marcantes no que tange à forma do movimento, que as diferenciam das demais. De acordo com o historiador Petrônio Domingues, a primeira fase do movimento negro ocorreu entre 1889 e 1937, e utilizou uma estratégia de integração assimilacionista, no sentido de distanciar-se dos símbolos associados à cultura negra enquanto, em contrapartida, realizou-se uma tentativa de aproximação dos valores morais/culturais dos “brancos”, tidos como essenciais para a integração do negro na sociedade.

A primeira fase do movimento de mobilização racial negra no Brasil inicia-se um ano após a abolição da escravatura e surge, principalmente, devido ao forte processo de marginalização, resultado de um grande descaso das autoridades da época, pelo qual a população negra passou. Nesse momento o movimento negro apresentou um forte cunho assistencialista visando amenizar as desigualdades existentes, desenvolvendo atividades de caráter social, educacional e cultural.

Uma das principais organizações da época foi a Frente Negra Brasileira (FNB), fundada em 1931 em São Paulo, que tinha como objetivo integrar o negro à sociedade, sendo de extrema importância por ter convertido o movimento negro em um movimento popular, com uma base composta por trabalhadores negros e, também por ter demonstrado uma grande

capacidade de barganha². Neste período houve, também, o ressurgimento e notabilização da imprensa negra – seu surgimento se deu anteriormente com o lançamento, por exemplo, do periódico “Homem de cor” em 1833 –, que se demonstrou de grande importância na articulação da luta contra o “preconceito de cor”, nome pelo qual o racismo era reconhecido na época, sendo um espaço para os debates raciais, unindo diversas denúncias de segregação racial, podendo ser destacado dentre eles o jornal Clarim da Alvorada³ (1924-1927).

As atividades da primeira fase foram interrompidas em 1937, com o golpe do “Estado Novo”, contexto que inviabilizou qualquer tipo de contestação política, esvaziando os movimentos sociais da época e, devido ao ato varguista, o movimento negro volta a se organizar politicamente em 1945, iniciando um novo momento, que se mantém até 1964.

A segunda fase, de acordo com Petrônio, utilizou uma estratégia integracionista, no sentido de que havia uma valorização da cultura negra, mas uma aproximação dos valores “brancos” para adentrar nos espaços a partir da via educacional e cultural ainda era vista como necessária pelos ativistas, estando essa ideia presente também na primeira fase do movimento negro.

Embora existam divergências entre autores em relação às organizações marcantes do período, conforme observado por Amilcar Pereira (2010), podemos considerar que a União dos Homens de Cor (UNC) foi uma das principais entidades daquele momento, tendo como objetivo elevar o nível econômico e intelectual dos negros, possibilitando uma ascensão social, atuando tanto na questão educacional quanto no que tange à divulgação do movimento negro para as elites, com debates para a imprensa local e com a publicação de jornais, que tiveram um novo impulso neste período. Podemos destacar também o Teatro Popular Brasileiro de Solano Trindade e o Teatro Experimental do Negro de Abdias do Nascimento como representantes da segunda fase. Além disso, é importante notar que, diferentemente da anterior, esta fase não se apresenta como um movimento popular, embora o protesto contra a discriminação racial tenha se intensificado no período, sendo reconhecido na luta contra a discriminação. É relevante citar que, mesmo com o fortalecimento da militância negra, apenas em 1951 a primeira lei antidiscriminatória, conhecida como Afonso Arinos, foi aprovada no país, ocorrendo após crescentes denúncias de discriminação racial, como o caso

² A Frente Negra Brasileira (FNB) foi “recebida em audiência pelo Getúlio Vargas e teve algumas de suas reivindicações atendidas, como o fim da proibição de ingressos de negros na guarda-civil em São Paulo”. Ver Domingues (2007).

³ Clarim da Alvorada (1924-1927) foi um importante jornal da imprensa negra por denunciar discriminações raciais da época. Também é relevante por ter sido a maior imprensa negra. Ver Amilcar Pereira (2010) e Flavio Francisco (2013).

da bailarina estadunidense que foi impedida de se hospedar em um hotel em São Paulo, conforme afirmado por Domingues (2007) e reafirmado por Amilcar Pereira (2010).

Ambas as fases do movimento negro utilizaram um discurso racial moderado, de acordo com Domingues, no sentido de que a mobilização negra dos dois períodos não realizou um protesto efetivo contra a estrutura sistêmica brasileira, apontando a escravidão e as diferenças educacionais e, também, culturais como causas dos problemas da população negra. Essa argumentação conduz à uma militância que busca assimilar ou integrar o negro na dinâmica social existente, ao invés de buscar uma mudança sistêmica.

Um grande ponto para a diferenciação das fases do movimento negro é a sua respectiva aproximação com posições políticas e ideológicas. A primeira fase do movimento negro apresentou, de certa forma, uma aproximação aos ideais de um programa fascista e autoritário, flertando⁴ com ideais ultranacionalistas através de elogios públicos por Arlindo Veiga Cruz, uma das principais lideranças da época, para o governo de Mussolini e também Hitler, conforme afirmado por Domingues (2008). A segunda fase, embora ainda apresentasse semelhanças com a fase anterior, se aproximou de forças políticas de centro.

É importante notar que, conforme observado por Flávia Rios (2014), havia nestes períodos, de certa forma, um atrito envolvendo o movimento negro e a esquerda socialista, pois havia o entendimento por parte da esquerda de que a questão racial apenas dividia a classe de trabalhadores entre si, tirando o foco do real problema.

TERCEIRA FASE DO MOVIMENTO NEGRO CONTEMPORÂNEO

Após o golpe de 1964, a mobilização negra teve grandes dificuldades para se organizar enquanto movimento, considerando que havia perseguições a qualquer organização política e, além disso, as questões raciais eram negadas no Brasil pois o mito da “democracia racial” era uma das principais propagandas políticas da Ditadura Militar. O mito foi utilizado principalmente no contexto da descolonização dos países africanos, em que a dita “harmonia racial” facilitava negociações com os países recém-independentes, possibilitando parcerias econômicas vantajosas para o Brasil. Nesse sentido, não havia espaço para o surgimento de uma organização negra que lutasse contra o racismo e qualquer entidade ou grupo que valorizasse a questão do negro atraia a atenção dos militares, sendo considerada subversiva.

⁴ Na verdade, não se tratou apenas de flerte. As principais lideranças da Frente Negra Brasileira integraram anteriormente o movimento patrianovista, que defendia a volta da monarquia e participaram da Ação Integralista Brasileira, movimento de ultradireita, similar ao nazifascismo.

O movimento negro conseguiu se reorganizar efetivamente apenas na década de 1970, sendo que, de acordo com Domingues (2013, p. 112), a terceira fase do movimento negro (1978-2000) teve seu início de fato com a criação do Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial (MUCDR) em 1978, devido à relevância da organização na luta antirracista da época. No entanto, no decorrer da década de 1970, surgiram diversas entidades que contribuíram ativamente para a articulação da juventude negra da época e entre elas podemos destacar o Centro de Cultura e Arte Negra (CECAN), formados por estudantes e artistas na cidade de São Paulo em 1972, o Grupo Palmares formado em 1971 em Porto Alegre, a Sociedade de Intercâmbio Brasil-África (SINBA) em 1974, o Bloco Ilê Aiyê em 1974 e o Instituto de Pesquisa das Culturas Negras (IPCN) em 1975, sendo algumas destas organizações importantes, inclusive, para a formação do MUCDR. Diversas entidades foram criadas posteriormente, como o Centro de Cultura Negra Maranhão (CCN) de 1979 fundado por Maria Raimunda Araujo e o Centro de Estudos e Defesa do Negro do Pará (Cedenpa) de 1980, tendo sido influenciadas pelo MUCDR.

Considerando a dificuldade em se tratar da questão racial no período devido à ditadura civil/militar, todas as entidades e organizações foram nomeadas com algo referenciando a cultura ou a arte para que não ficasse explícito o intuito da luta contra o racismo. Tal estratégia na nomeação servia tanto para diminuir o interesse do governo nas entidades quanto para facilitar a mobilização dos indivíduos, pois segundo Pereira (2010, p. 166) a raça não era suficiente para causar a mobilização, sendo então necessário uni-la com a cultura.

Um grande diferencial da terceira fase do movimento negro é o fato de que os ativistas deste período fizeram parte da primeira geração que teve acesso às universidades, até então locais altamente elitizados e, portanto, excludentes. No entanto, os ativistas negros da época notaram que, mesmo quando há o acesso à universidade, o preconceito segue presente e as oportunidades continuam mínimas, e isso iniciou uma indagação sobre o verdadeiro motivo desse preconceito que resulta em um grande processo de consciência racial nos indivíduos, considerando que tal conscientização implica, muitas vezes, abandonar a identidade parda/morena para afirmar a negra (RIOS, 2013), sendo importante citar que esse processo uniu não apenas fatores nacionais, mas também internacionais. Os ativistas negros que protagonizaram essa fase do movimento formaram, basicamente, uma parcela da população negra com incipiente ascensão social, que gerou um movimento formado estruturalmente por uma elite intelectual negra (PEREIRA, 2010) e não pelas massas e, nesse sentido, o movimento negro se torna restrito a tal grupo.

O fato de que os principais ativistas negros dessa geração frequentaram a universidade e que, através do movimento estudantil, tiveram contato com a militância de esquerda nas universidades influenciou diretamente a criação do MUCDR, considerando que parte das lideranças da organização tiveram suas origens no Núcleo Negro Socialista, parte da Liga Operária, que se torna mais tarde a Convergência Socialista. Mesmo com essa formação, houve posteriormente o afastamento dos ativistas negros dessa organização, porém tal aproximação entre a luta antirracista e a luta anticapitalista foi de grande importância, sendo um marco para a terceira fase do movimento negro e tendo a proximidade com sindicatos como um de seus resultados.

Existiam diversas entidades negras na década de 1970 e tais organizações foram extremamente importantes para a mobilização negra, porém, não havia, de fato, uma unidade em relação à luta contra o racismo, sendo necessário criar uma organização com capacidade para centralizar a luta e, também, unificar as entidades já existentes. Com esse objetivo, no dia 18 de junho de 1978, houve uma reunião no CECAN que contou com a presença de diversas organizações negras da época como o próprio CECAN, Afro-Latino-América, Câmara do Comércio Afro-Brasileiro, Jornal Abertura, Jornal Capoeira e Grupo de Atletas e Grupo de Artistas Negros, entre outras entidades, sendo também a ocasião na qual foi escrita a carta convidativa para o ato político que marcaria o lançamento do MUCDR.

As principais lideranças do MUCDR foram Flávio Carrança, Hamilton Cardoso, Vanderlei José Maria, Milton Barbosa, Rafael Pinto, Jamu Minka e Neuza Pereira, tendo o Milton atuado como presidente do ato político no dia 7 de julho.

O protesto foi motivado, principalmente, pelo assassinato do jovem operário negro chamado Robson Silveira da Luz em uma delegacia de Guaianazes, na qual foi levado após ser acusado de roubar frutas em uma feira e, também, pelo caso em que quatro jovens atletas negros foram impedidos de entrar no Clube Paulista Regatas Tietê, sendo ambos, de certa forma, um estopim para a manifestação.

Em 7 de julho de 1978 ocorre o Ato Político Contra a Discriminação Racial nas escadarias do Teatro Municipal, marcando a criação do Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial com a exposição da carta aberta repudiando os dois casos de racismo. O Ato Político no Teatro Municipal foi extremamente importante no período, sendo “considerado pelo MUCDR como o maior avanço político realizado pelo negro na luta contra o racismo” (DOMINGUES, 2007, p. 113)

Uma manifestação dessa magnitude no centro de São Paulo só pôde ocorrer devido à abertura política iniciada pelo governo militar em 1974. Além disso, foi solicitada permissão

para a Secretária de São Paulo e houve, também, uma articulação com a grande mídia brasileira, principalmente com a Folha de São Paulo, que tinha atritos com a ditadura militar e, devido a isso, a mídia cobriu o ato do movimento negro, publicando como manchete no dia seguinte e impedindo uma reação agressiva por parte dos militares ao redor do protesto.

O processo de criação do MNUCDR é consolidado com a reunião no dia 9 de setembro de 1978 no Instituto Cultural Brasil-Alemanha (ICBA), espaço de grande importância na época, no qual foi discutido qual o formato do movimento e quais seriam suas diretrizes, ocasião no qual ocorre o primeiro racha no movimento, com a saída do SINBA. É relevante que em 23 de julho, com a inserção do termo “negro” ao nome da organização, há a exclusão de outras formas de discriminação racial, tendo isso mudado o rumo do MNUCDR, considerando que a carta aberta lida durante o ato convidava a participação de outros setores democráticos sensíveis aos desrespeitos e injustiças aos direitos humanos recorrentes no período.

O Movimento Negro Unificado, como passou a ser conhecido posteriormente, foi um movimento político com caráter democrático que tinha como objetivo lutar contra o racismo no Brasil, sendo reconhecido por aplicar um discurso radicalizado contra a discriminação racial, principalmente contra o mito da democracia racial e, também, contra o discurso idílico de miscigenação racial, devido às políticas de embranquecimento aplicadas no país. Dentre as pautas levantadas pelo MNU, a reavaliação do papel do negro na história foi uma das mais relevantes, tendo sido realizada de diferentes formas, utilizando principalmente as escolas para introduzir a História da África e do Negro no Brasil.

A terceira fase do movimento negro teve grande importância por trazer o protagonismo ao negro, sendo essa ideia maximizada na frase “negro no poder”, presente em diversos momentos da militância e, conforme observado por Amilcar Pereira (2010), a celebração do dia da Consciência Negra em 20 de novembro é um exemplo do fortalecimento da história do negro no Brasil, com a afirmação de tal comemoração no dia da morte de Zumbi, líder da República dos Palmares. Nesse momento, ocorre o citado revisionismo no âmbito educacional, religioso, estético e, também, um forte resgate de uma cultura ancestral africana, demonstrado nos padrões de beleza, na religião, na arte e de diversas outras formas, rompendo com os valores da primeira e da segunda fase do movimento negro e configurando o processo de criação de uma nova identidade racial que valoriza o negro.

Durante a terceira fase e, neste momento de criação de uma nova identidade racial, o internacionalismo foi de grande importância para a mobilização negra, tendo como influências não só líderes estadunidenses como Martin Luther King e Malcom X e

organizações como os *Black Panthers for Self Defense*, mas também de líderes africanos dos processos de descolonização como Amílcar Cabral, Steven Biko e Franz Fanon, que foram extremamente relevantes para a formação de diversos ativistas negros.

Essas trocas de informações no Atlântico Negro⁵, conceito criado por Paul Gilroy, são resultado principalmente das interações entre as imprensas negras mas, também, dos esforços de ativistas como Lélia Gonzalez, Abdias do Nascimento e Thereza Santos, e foram relevantes tanto para a organização do próprio movimento brasileiro quanto para a formação de uma nova identidade negra, considerando as diversas referências artísticas e estéticas, como o Black Power, o Funk e o Soul, sendo o Black Rio uma das grandes expressões dessa influência na juventude negra brasileira, em conjunto com os bailes funks e as tentativas de música Soul.

Como é possível perceber, a cultura teve grande importância no período, pois uma das estratégias dessa fase foi a valorização dos símbolos comumente associados à cultura negra como o samba, a capoeira e as religiões de matrizes africanas (DOMINGUES, 2007) e, além disso, os centros culturais da época foram de grande importância no processo de conscientização da comunidade negra em relação aos problemas raciais da época, demonstrando uma tendência da juventude negra em frequentar espaços culturais para debater a questão racial.

A imprensa negra sempre demonstrou um papel de grande importância para a mobilização do movimento e isso se aprofundou na terceira fase, momento em que existiam diversos jornais para tratar sobre a questão do negro. A imprensa negra foi representada por jornais como *Sinba*⁶, o *Tiçã* e o *Jornegro* que eram exclusivamente da militância negra, porém, nesta pesquisa iremos focar na trajetória da coluna *Afro-Latino-América*, publicada no jornal *Versus*. A coluna se demonstrou um espaço de grande importância para a mobilização negra brasileira do período devido ao seu conteúdo focado em retratar a luta dos oprimidos em diversos aspectos, mas também por sua grande estrutura e capacidade para atingir um maior público. Além disso, a escolha do *Versus* ocorreu devido à sua relação diferenciada com a arte em relação aos demais jornais alternativos ou de esquerda da época.

⁵ O conceito de Atlântico Negro retirado do livro de Gilroy (2001) trata sobre a convergência de alguns pontos da identidade negra dentro das regiões presentes nas antigas rotas marítimas do Atlântico.

⁶ O *Sinba* foi um importante jornal por retratar o tema da integração Brasil-África, sendo responsável também pela divulgação de temas africanos contemporâneos não cobertos pela grande mídia.

JORNAL *VERSUS*

O jornal *Versus* foi um periódico paulistano alternativo, fundado em outubro de 1975, tendo sido publicado até 1979, quando deixou de circular devido a, sobretudo, problemas financeiros. O *Versus* foi idealizado pelo jornalista gaúcho Marcos Faerman (1944-1999) que teve, anteriormente à fundação do periódico, uma relação com outros jornais alternativos paulistas, fato esse que influenciou diretamente o rumo o qual o jornal tomaria após sua concepção. É importante citar que, após um certo período, a direção do *Versus* é totalmente assumida pela Convergência Socialista.

O Jornal foi dedicado à arte, cultura e revolução tendo utilizado em suas páginas, de maneira única, devido ao contexto político em que estava inserido, a “cultura” de forma que a mesma fosse uma “expressão simbólica para o político” (RIOS, 2014, p. 55). Além disso, o jornal também foi importante por relatar fortemente as questões latino-americanas, principalmente de países que passavam por uma ditadura militar, e também os processos de descolonização dos países africanos, sendo isso explicitado com o trecho “dar voz à luta internacional dos oprimidos, dos povos africanos, dos latino-americanos e, especialmente, dos trabalhadores brasileiros” (Afro-Latino-America, p. 7). É interessante citar que havia uma forte repulsa aos EUA devido ao comportamento político exercido pelo país na América Latina, sendo o anti-imperialismo um tema recorrente no jornal.

Embora o jornal não tenha dado atenção, inicialmente, às questões raciais e, quando deu, conforme observado por Rios (2014), foi utilizando a figura do indígena para criar uma identidade latino-americana, enquanto o negro ficou como sujeito apenas nos processos de descolonização na África, o *Versus* se demonstrou, posteriormente, “central para compreender as relações entre ativistas negros e a esquerda socialista” (RIOS, 2014, p. 51). Há uma mudança no panorama inicial com o artigo “‘O negro e o cinema’ publicado em maio de 1977 por João Carlos Rodrigues” (RIOS, 2014, p. 60) na 9ª edição do jornal *Versus*, que criticava o estereótipo degradante pelo qual os personagens negros eram retratados nos cinemas e tal assunto, sendo discutido nas páginas do *Versus*, demonstra que o jornal passava por um momento de mudanças que possibilitaram a criação da coluna Afro-Latino-América.

COLUNA AFRO-LATINO-AMÉRICA

A Afro-Latino-América foi uma coluna publicada nas páginas do Jornal *Versus* entre 1977 e 1979 que teve como principal foco retratar as questões do negro no Brasil, sendo publicada pela primeira vez em julho/agosto na 12ª edição do jornal *Versus*, chegando a

contabilizar um total de 20 edições durante o período em que foi publicada. A criação da coluna se deu em um momento de reorientação do próprio periódico em relação ao foco que suas matérias deveriam tomar, pois nesse momento, se torna prioridade retratar a realidade brasileira. A coluna teve como principal objetivo a reunião de ativistas e jornalistas negros para que “com ação e pensamento crítico capaz de romper o silêncio diante dos casos de preconceito e discriminação no trabalho, (...) episódios de repressão e todo o tipo de violência contra o trabalhador e a trabalhadora negra.” (Afro-Latino-América, p. 7).

Na edição anterior ao lançamento da coluna, houve um artigo escrito pela jornalista Neusa Maria Pereira, com o título de “Em defesa da dignidade das mulheres negras em uma sociedade racista” denunciando de forma direta utilizando as opressões sofridas pela mulher negra, abrangendo os temas de gênero, raça e classe, sendo considerado como uma seção inaugural da Afro-Latino-América.

A articulação iniciada por Oswaldo de Camargo, um jornalista e poeta, que convidou Hamilton Cardoso, na época ainda um estudante de jornalismo, e Thereza Santos, atriz e militante negra, que, conseqüentemente, trouxeram outros ativistas para a equipe, possibilitou a criação da coluna. Na coordenação da Afro-Latino-América, podemos destacar a presença de Neusa Maria Pereira, Ndacaray Zalu Nguxi (Hamilton Cardoso), Jamú Minka (José Carlos de Andrade) e Oswaldo de Camargo, sendo o último presente apenas nas primeiras duas edições. É relevante citar que ativistas negros como o Eduardo de Oliveira e Oliveira, Lélia Gonzalez e Abdias do Nascimento também tiveram grande influência nas páginas da Afro-Latino-América de acordo com as suas disponibilidades naquele momento.

Hamilton Cardoso (1953-1999), principal articulador da coluna e uma das lideranças da terceira fase, era um estudante bolsista de jornalismo de origem pobre, sendo interessante citar que seu pai era músico em uma orquestra do interior de São Paulo e sua mãe empregada doméstica (RIOS, 2014 p. 63). Hamilton teve contato com a militância negra em 1974, no CECAN, que era dirigido por Thereza Santos, uma atriz, publicitária e ativista negra, em conjunto com Eduardo de Oliveira e Oliveira, um sociólogo pós-graduando com grande afinidade com a arte. É importante citar que Thereza e Eduardo, antes da criação do CECAN, fundaram um grupo teatral negro com a peça “E agora falamos nós”, que ficou em cartaz no MASP tratando sobre a história do negro no Brasil na sua própria perspectiva (RIOS, 2014), demonstrando a relevância da arte para a cultura negra.

A Afro-Latino-América se revelou um espaço privilegiado para a fala dos ativistas negros da época, sendo que suas matérias eram de interesse das camadas médias e populares negras, pois abrangiam tanto a violência policial quanto ao que verte à cultura negra, além de

tratar também sobre questões do passado, como a história do negro no Brasil, do movimento negro, da ancestralidade africana e também do presente, como o genocídio negro, os processos de descolonização africanos, os acontecimentos relevantes do movimento negro estadunidense e reivindicações como o voto para a população negra e para analfabetos. Devido a isso, a coluna foi de grande importância para a articulação negra da época, servindo inclusive como canal de divulgação, indiretamente, dos feitos do MNU, como observado pela Flávia Rios (2014) e também por ativistas negros da época.

A valorização da cultura negra esteve presente no processo de formação dos ativistas dessa fase do movimento negro, considerando que a juventude negra da época, incluindo algumas lideranças do movimento, tiveram sua “formação negra” em entidades “culturais”. Nesse sentido, ativistas como a Thereza Santos, o Oswaldo de Camargo e Eduardo Oliveira e Oliveira se tornaram referências para jovens negros que buscavam as associações culturais negras.

A Arte em si, sempre esteve presente no movimento negro, sendo uma das maiores formas da expressão cultural e, considerando, por exemplo, a mobilização da população negra que ocorreu dentro das escolas de samba, entre outras diversas instituições, podemos compreender sua importância durante a constituição do movimento negro brasileiro. A Arte é relevante ao ponto de ser possível encontrar diversas entidades negras que exerciam atividades artísticas, envolvendo por vezes o teatro, a música, a dança e as artes plásticas e a literatura, que fazem parte do conjunto da arte.

Considerando a importância da cultura e da arte, no geral, foi possível selecionar trechos da Coluna Afro-Latino-América para destacar e demonstrar de que forma tais discursos foram articulados no periódico. É interessante notar que, em todo o momento em que se fala de cultura negra, a arte está sempre atrelada, sendo difícil traçar uma linha entre ambas. Entre os textos selecionados da coluna, podemos destacar o pequeno trecho retirado das páginas da Revista Anhembi, em agosto de 1951, com os depoimentos de Lumumba, TC e Ogana, participantes do Evolução, um grupo de teatro,

O negro tem algo a dizer, uma sensibilidade a exprimir, problemas a propor, uma poesia e uma música que lhe são próprias. Encontrará pouco a pouco a sua forma, basta procurá-la. E isso somente será possível se já existir um teatro negro e um público (Afro-Latino-America, p. 14, Seção 1ª).

No depoimento, o tema cultura é retratado fortemente pela perspectiva de que a mesma é necessária para um processo de consciência racial, a partir do ponto em que a sociedade brasileira esconde os valores da cultura negra e só os assume em ocasiões específicas, como o carnaval. Além de outros assuntos, também é discutida a diferenciação

que os entrevistados veem entre a cultura negra e a cultura branca, sendo colocado em certo ponto a ideia de que a última é apenas uma cultura negra embranquecida. É interessante destacar a simbologia que a arte tem para o negro, abrangendo também o canto, a dança, os contos, ficando explícita a importância da arte para a identidade racial do negro:

Para o negro, o teatro, a música, a arte tem um significado diferente do que para o branco. A palavra para o negro tem o mesmo significado que um livro para a cultura ocidental, como meio de manter a tradição, de contar a luta de seu povo (Afro-Latino-América, p. 13, Seção 1ª).

Tanto os trechos quanto o depoimento condizem, em conteúdo, com o momento pelo qual passava o Movimento Negro, pois há um grande foco nas diferenças entre o branco e o negro, o que fica claro quando os entrevistados relatam as mudanças ao se apresentar para um público negro e para um branco. A forte valorização da cultura negra e de seus símbolos também condiz fortemente com a Terceira Fase do movimento, sendo um de seus marcos. É interessante notar que há, no depoimento, uma diferenciação produzida pelo próprio entrevistado no momento em que ele afirma “Não sofremos influência do TEN” (Afro-Latino-América, p. 14, Seção 1ª) pois o Evolução teria seu trabalho direcionado à população periférica ao contrário do Teatro Experimental do Negro (TEN)⁷.

Em outro trecho selecionado “Escolas de samba desde o começo tem uma função política” (Afro-Latino-América, p. 40, Seção 8ª) é retratado o processo de consciência racial pelo qual passa a população negra no Brasil e, em seguida, é reafirmada a existência de atitudes políticas por parte dos negros em diversos locais, mesmo nos quais não há um objetivo estritamente político. Um dos exemplos utilizados para demonstrar isso é o grau de organização dentro das escolas de samba, a partir da década de 20, sendo as tais, locais onde o negro pôde manifestar sua cultura e também se organizar politicamente, a princípio.

Outro exemplo da importância das escolas de samba, e consequentemente da cultura negra, é vista no fato das organizações conseguirem auxiliar diversos desempregados e subempregados (Afro-Latino-América, p. 87, Seção 18ª). Não sendo, porém, as únicas possibilidades de articulação, pois houve diversas entidades artísticas, centros de cultura e, também, jornais, como a própria coluna Afro-Latino-América.

Como fica claro com os trechos relatados, a música tem uma grande importância nesse processo de formação de uma nova identidade negra, inclusive quando se considera um processo de resgate da ancestralidade africana.

⁷ O Teatro Experimental do Negro teve como principal foco a integração do negro e o resgate da auto-estima. Foi criticado posteriormente por ativistas com a argumentação de que era focado na elite. Ver Flavia Rios (2014).

Na África (...) tem uma função social muito mais rica”, “escravos africanos, no Brasil, transpuseram tudo isto para música popular”, “a música tende a satisfazer as necessidades de se afirmar como humano”, “A música faz parte de sua essência de vida”, “O aspecto música e canção está na essência do negro” (Afro-Latino-América, p. 55, Seção 11^a).

Os trechos selecionados foram retirados da entrevista realizada com o grupo Vissungo e é nítida a forma pela qual a cultura negra, especialmente a música, é retratada como forma necessária para a construção da identidade negra.

A busca pelo conhecimento histórico relacionado à música no processo de formação da população negra no Brasil, com ênfase na importância da oralidade e da musicalidade, trazida pela população africana ao Brasil, dialoga totalmente com a proposta da terceira fase do movimento negro pois há um enaltecimento da cultura negra, em conjunto com a diferenciação racial e com uma crítica ao processo de escravidão.

Para falar sobre a ideia de diferenciação racial é necessário entender que elementos da cultura negra foram constantemente incorporados à identidade nacional e, neste processo, totalmente desatrelados da população negra, sendo então despolitizados para o movimento negro. Nesse sentido, a terceira fase apresenta uma forte agenda de repolitização dos elementos culturais, que ocorre paralelamente à crítica ao mito da democracia racial, considerando que a incorporação da cultura negra na identidade nacional reforça a ideia do mito, sendo então, este processo de politização da cultura extremamente relevante para a construção de uma identidade negra em contraste à identidade “brasileira”.

O conhecimento histórico e o protesto racial também aparecem, diversas vezes, em forma de poesias e poemas, muitas vezes contestando as contradições raciais da época e denunciando o mito democracia racial, mas também apresentam um forte resgate da ancestralidade africana, como o poema América Negra no trecho abaixo.

Eu vim cá prá esse mundo
do jeito que todos vêm
mas como vim prá esta terra
sei que nem todo mundo vem.

Eu vim com elo nos braços
eu vi toda a minha gente
ser peça de importação

(...)
América Negra

Levante

Grite. (Afro-Latino-América, p. 21, Seção 3^a).

No trecho selecionado, é possível observar a forte crítica a todo o processo de escravidão e do tráfico negreiro presente na letra do poema em conjunto com um sentimento de pertencimento ao continente africano sendo, portanto, uma das formas de resgatar a ancestralidade africana.

CONCLUSÃO

Após a discussão apresentada no artigo, é possível perceber a centralidade da arte na articulação da população negra, principalmente quando tratamos de música. Os eventos musicais não se colocavam com objetivos estritamente políticos (VIANNA, 1997, p. 14), porém influenciaram de forma intensa uma articulação da juventude negra que começa a se referenciar a partir de uma cultura negra repleta de influências internacionais, tanto dos EUA, com o soul e o funk, quanto dos processos de descolonização africanos, ambos contendo ideias e reivindicações que tiveram influência na juventude brasileira da época, tendo esse processo influenciado a poesia, a dança e outras formas artísticas.

A partir desse ponto de vista, fica clara a importância da música nessa questão, considerando que com a incorporação de determinadas canções houve, em conjunto, a vinda de vestimentas, cortes de cabelo, entre outras coisas que valorizavam a cultura negra. Portanto, a música teve grande importância no processo de formação de uma “nova identidade negra”, pois a ocorrência de bailes em São Paulo foram, o “movimento da maior importância no processo de formação da identidade negra no Brasil” de acordo com Fry (1982, p. 15 *apud* VIANNA, 1997, p. 15), tendo essa importância política causado a repressão militar em eventos musicais devido à capacidade da arte em articular a população negra.

Para além da música, o teatro também foi de grande importância para o movimento negro, considerando as diversas entidades como o grupo Evolução, o Teatro de Solano Trindade, o TEN, entre outras, e as muitas peças que ocorreram questionando o racismo, como as organizadas por Thereza Santos. O teatro também mobilizou diversos militantes, tendo forte importância para o processo de conscientização racial, considerando os casos de *black face* e de racismo escancarado.

Neste momento em que a valorização da cultura negra se torna uma frente do movimento negro, a coluna Afro-Latino-América se demonstra de grande importância por ser um grande expoente de notícias e informações sobre a valorização do negro e de seus feitos. Além disso, a coluna também trata sobre assuntos relacionados ao que seria a cultura negra, levando em conta características que foram transformadas em patrimônios nacionais e, nesse processo, desligadas da população negra, como o samba, por exemplo.

Nesse sentido, em relação às publicações da coluna Afro-Latino-América referentes à cultura, é possível notar pontos em comum na maioria, sendo o primeiro deles a convergência

das publicações em relação ao objetivo, considerando que buscam o enaltecer o povo negro e a cultura negra, que não deve ser restringida apenas ao samba. Esse enaltecimento do povo negro ocorre em conjunto a um forte destaque para a proposta da Terceira Fase do Movimento Negro, que trata sobre a identidade baseada na diferença racial. Além disso, as publicações da Afro-Latino-América realizam grandes críticas ao processo de escravidão ao mesmo tempo que resgatam fatos históricos, sendo isso realizado tanto visando um fortalecimento da cultura negra quanto como forma de protesto.

Sendo assim, a arte foi utilizada como parte importantíssima da cultura negra e, portanto, foi extremamente valorizada nesse processo de formação de uma identidade negra baseada na diferença, tanto nas páginas na coluna Afro-Latino-América, quanto em outras mídias, como o Black Rio. É importante ressaltar a dificuldade em separar a cultura negra da arte negra e, conseqüentemente, houve uma grande influência artística em grande parte dos ativistas negros da época, principalmente nas lideranças do Movimento Negro Contemporâneo.

Com base nisso, e tendo em vista que nas páginas da coluna existem diversas referências sobre a arte, é possível perceber a grande influência do tema no processo de formação de uma identidade negra baseada em uma diferença racial. Para além do que foi citado na coluna, a arte é extremamente importante para a identidade negra, sendo possível, atualmente, perceber sua importância na constituição da juventude preta, com diversos tipos musicais e manifestações culturais como o Movimento Hip Hop, o Funk, o Rap, o Breaking, a execução de grafites e de pichações, entre outras formas artísticas e culturais que existem atualmente e são relevantes para a identidade negra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Lígia. **O bravo matutino**: imprensa e ideologia no jornal “O Estado de São Paulo”. São Paulo: Alfa Omega, 1980.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Tempo**, Niterói, v. 12, n. 23, p. 100-122, 2007.

FRANCISCO, Flávio Thales Ribeiro. **Fronteiras em definição**: identidades negras e imagens dos Estados Unidos e da África no jornal O Clarim da Alvorada (1924-1932). 1. edição. São Paulo: Alameda/FAPESP, 2013.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro**: Modernidade e Dupla Consciência. Rio de Janeiro, Editora 34/UCAM, 2001.

GUIMARÃES, Antonio Sergio. **Classes, raças e democracia**. São Paulo: Editora 34, 2012.

HANCHARD, Michael. **Orfeu e o Poder**: Movimento Negro no Rio e São Paulo. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

OLIVEIRA, Luciana Xavier de. **A Cena Musical da Black Rio**: Mediações e Políticas de Estilo nos Bailes Soul dos Subúrbios Cariocas dos anos 1970. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFF, 2016.

PEREIRA, Amilcar Araujo. **O Mundo Negro**: relações raciais e a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas/FAPERJ, 2010.

RIOS, Flavia Mateus. **Elite política negra no Brasil**: relação entre movimento social, partidos políticos e Estado. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo, 2014.

SILVA, Ana Paula da. **Pelé e o complexo de vira- latas**: discursos sobre raça e modernidade no Brasil. 1. ed. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2014.

VIANNA, Hermano. **O mundo do Funk carioca**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

Documentação:

Jornal Versus